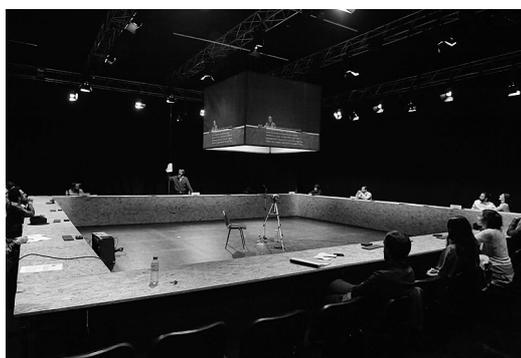


Um Lear em trânsito entre o Japão e Guimarães

Samuel Silva



^ < >

Rei Lear,
de William Shakespeare,
enc. Marcos Barbosa,
Teatro Oficina, 2013,
fot. Paulo Pacheco.

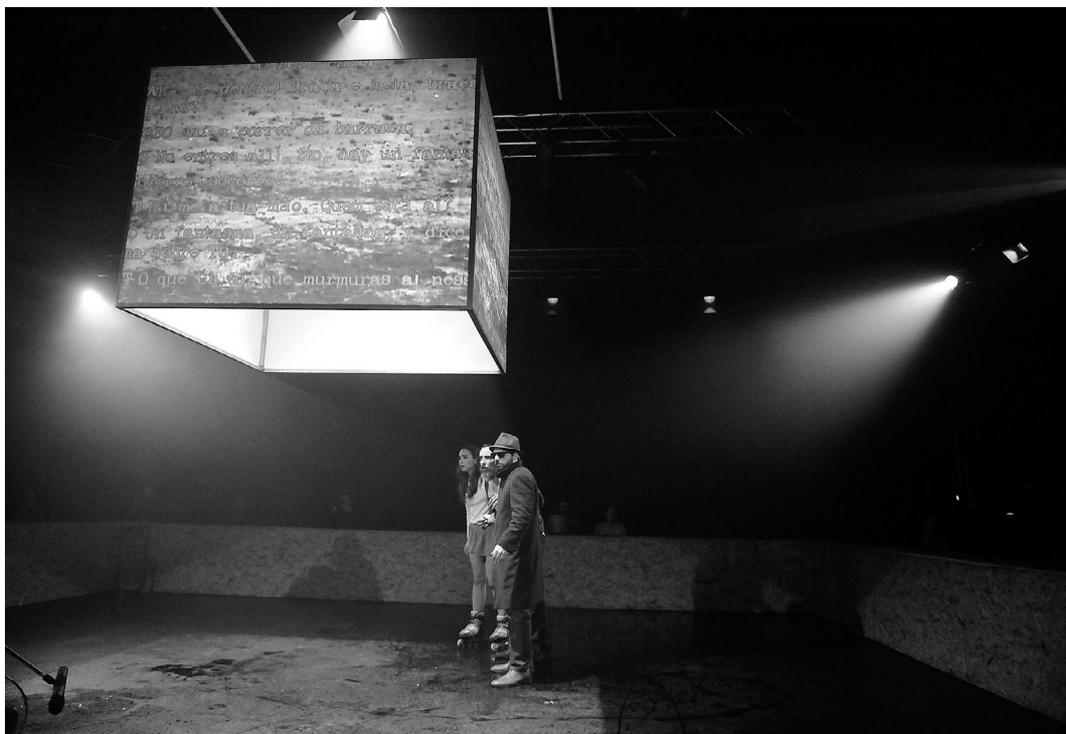
Vale a pena recordar onde começou este *Rei Lear*: no Japão em Agosto de 2012.

No fim de cada dia de trabalho, os actores do Teatro Oficina – Emilio Gomes e Eduardo Silva – liam um pedaço do texto a um grupo de actores japoneses da cidade de lawaki. Estes acompanhavam a leitura com movimentos, como se ouvissem música. Depois, cada pessoa era chamada a explicar que história era aquela. Ainda que o texto fosse dito em português, os artistas asiáticos

contavam algo muito próximo da interpretação dos colegas ocidentais.

Marcos Barbosa, director-artístico da companhia de Guimarães e encenador deste espectáculo, chamou-lhe "uma coisa milagrosa". Estavam perto de Fukushima, onde as feridas do terramoto do ano anterior ainda não tinham começado a sarar. E a experiência ganhou uma maior importância pelo contexto. Num sítio tão próximo de uma central nuclear radioactiva, com terremotos

>
Rei Lear,
 de William Shakespeare,
 enc. Marcos Barbosa,
 Teatro Oficina, 2013,
 fot. Paulo Pacheco.



diários e a viver num cenário pós-apocalíptico, de destruição e dor profunda, os actores conseguiram ser importantes.

Rei Lear do Teatro Oficina, que a APCT premiou, parte dessa experiência e dá ao texto de William Shakespeare um papel central. Mas mesmo que parta de um clássico, o espectáculo reflecte sobre o lugar do teatro nos nossos dias. Tal como nessa incursão japonesa, fá-lo no sentido da interpelação dos espectadores e dos actores, que se encontram sentados à volta de uma mesma mesa, como uma família que se reúne frente-a-frente.

A grande mesa que ocupa todo o palco é um curioso dispositivo cénico (de Ricardo Preto, habitual colaborador desta companhia) que assume uma condição fundamental para que esta intenção seja bem-sucedida. Ao colocar actores e espectadores lado a lado, ficam ambos os grupos numa posição desconfortável, é certo. Mas essa exposição é sobretudo intensa para os artistas, a quem é pedida uma concentração plena ao longo de todo o espectáculo e uma noção – fora do comum – da sua presença. A opção acaba por resultar numa prova de maturidade da companhia que é um dos triunfos desta criação.

Rei Lear foi a terceira incursão do Teatro Oficina pelo território shakespeariano em pouco tempo, depois de *Sonho de uma noite de Verão* (2010) e *Macbeth* (2011). Curiosamente, uma companhia virada para a criação contemporânea – e essa marca vê-se em todas estas produções – acaba por viver momentos marcantes da sua afirmação com três textos clássicos. O espectáculo, que a crítica distinguiu, fecha esta espécie de trilogia e é um momento de afirmação, especialmente depois de, em 2012, a estrutura ter estado muito concentrada em Guimarães, durante a Capital Europeia da Cultura. Este êxito é também fruto dessa experiência.

Mas apesar do papel determinante do texto clássico, a encenação de Marcos Barbosa reveste-se de uma actualidade que, ao espaço cénico e ao lugar de actores e público, já referidos, junta outras marcas, como os figurinos e os modos de elocução.

Esse equilíbrio entre um texto histórico e uma leitura cénica profundamente moderna justificou também amplamente que *Rei Lear* recebesse uma das Menções Especiais do Prémio da Crítica com que a APCT celebra anualmente o teatro em Portugal.